



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

GEISA LAVINIA SEQUEIRA GOMES

**ACEITAÇÃO E NEGAÇÃO DA IDENTIDADE CABO VERDIANA: SER EUROPEU
OU SER AFRICANO**

ACARAPE- CE

Julho/2017

GEISA LAVINIA SEQUEIRA GOMES

ACEITAÇÃO E NEGAÇÃO DA IDENTIDADE CABO VERDIANA: SER EUROPEU OU
SER AFRICANO

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito parcial para a obtenção do título Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira - UNIBAL.
Orientadora: Prof. Dr.^a Geranildes Costa e Silva

ACARAPE- CE

Julho/2017

GEISA LAVANIA SEQUEIRA GOMES

ACEITAÇÃO E NEGAÇÃO DA IDENTIDADE CABO VERDIANA: SER EUROPEU OU
SER AFRICANO

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito parcial para a obtenção do título Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira - UNILAB.
Orientadora: Prof. Dr.^a Geranildes Costa e Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Geranilde Costa e Silva (orientadora)

UNILAB

Prof.^a. Dr.^a. Izabel Cristina dos Santos Teixeira

(Examinador) UNILAB

Prof.^a. Dr.^a. Natalia Cabanillas

(Examinador) UNILAB

DEDICATORIA

A Deus.

Aos meus filhos Willian e Dereck, à minha
mãe Maria Eugénia e ao meu falecido pai
Olavo Inácio.

AGRADECIMENTOS

Á Deus, que esteve sempre ao meu lado e me proporcionou força, paciência, garra e sabedoria para poder continuar os meus estudos e me concedeu a graça de concluir este tão esperado trabalho.

Aos meus filhos Willian Sequeira Gomes Vaz e Dereck Sequeira Gomes Cambinda , a razão da minha vida e razão pelo qual sempre estive firme e forte para continuar e concluir esses tantos anos de curso. Obrigada por vocês existirem na minha vida.

A minha mãe Maria Eugenia Mendes Sequeira, as minhas irmãs Cintia e Delcia e meu irmão Gelson, que apesar da distância sempre me deram grande apoio, dedicação, compreensão e sempre me mostraram uma força pela qual sem ela talvez não seguiria em frente.

Ao meu namorado e companheiro Jorge Cambinda pela total dedicação, compreensão e pela força em todos os momentos e aos meus grandes amigos e companheiros Osnelly, Ana Lenise, Eliane, Leana, pela grande força em todos os momentos difíceis e pelos grandes momentos compartilhados e jamais esquecidos.

A professora Geranilde Costa que me orientou e sempre mostrou muito prestativa e dedicada para com a conclusão deste trabalho.

A minha irmaDelcia Janine que me ajudou muito na conclusão deste trabalho e pela amizade, amor e dedicação que sempre demonstrou.

RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo verificar ou entender qual é a percepção que os cabo verdianos têm sobre a sua identidade e o seu posicionamento sobre a cultura africana e europeia, dado que temos duas visões do mundo que comportam uma mudança nas mentalidades e a assimilação de elementos culturais dos ancestrais Africanos e dos Europeus, e as oscilações históricas entre a africanidade, a criouldade e a europeidade cabo verdiana.

Palavras chave: Identidade, Cabo Verde, Europa, África

ABSTRACT

This research aim to verify and understand what is the perception that Cape Verdean's people has about their identify and their position in the African and European culture, therefore world shows two different visions, where there was mentally change, in the assimilation of the cultural elements of the Africans and Europeans ancestors, and the historical oscillations, to the Creole and the European, and Cape Verdean.

Key Words: Identity, Cape Verde, Europe, África

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

BIOGRAFIA DA AUTORA	9
A minha trajetória académica	9
1 APRESENTANDO CABO VERDE	13
2 INTRODUÇÃO.....	15
2.1 Justificativas para a escolha do tema	16
2.2 Objetivos.....	18
2.2.1 Geral	18
2.2.2 Específicos.....	18
2.3 Delimitação do objeto ou do fenômeno a ser investigado	19
2.4 Estrutura do projeto	20
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
3.1 IDENTIDADE.....	21
3.2 A IDENTIDADE DO/A CABO-VERDIANA	22
4 MÉTODO DE PESQUISA.....	25
REFERÊNCIAS	27

BIOGRAFIA DA AUTORA

Sou Geisa Lavínia Sequeira Gomes, cabo-verdiana, filha de Maria Eugenia Mendes Sequeira e de Olavo Antônio Inácio Gomes. Tenho 27 anos e estou aqui no Brasil desde janeiro de 2014, estudando o curso bacharelato em Humanidades.

A minha trajetória acadêmica

Ensino básico

Lembro muito bem da minha primeira escola, chamada Escola Grande, era uma escola muito pequena, tinha apenas três salas de aula, um banheiro, uma cozinha e um pátio para que pudéssemos brincar nos recreios. Situada no meu país, Cabo Verde, no bairro de Achada Santo António, foi uma das primeiras escolas de alfabetização a ser construída, se posicionando também como uma das escolas mais tradicionais do país. Fiz meu ensino básico todo na Escola Grande e me recordo perfeitamente da minha professora, meus colegas e muitos deles ainda mantenho amizade. Antigamente os professores tinham mais autonomia e autoridade na sala de aula e havia um respeito muito grande dos alunos para com os professores, o que infelizmente não se vê mais hoje.

Naquele tempo o meu sonho era ser assistente de bordo, como a maioria das meninas da minha idade. Sonhava com essa profissão bordo para poder viajar e conhecer o mundo afora.

Ensino secundário

Escola Secundária Abílio Duarte (ESAD), foi onde eu iniciei e concluí todo o meu ensino secundário. Nem sempre teve esse nome, inicialmente era denominada de Liceu de Palmarejo pelo fato de estar situada no bairro de Palmarejo. Tenho muitas histórias e recordações dos seis anos que lá estudei. Por se situar no mesmo bairro onde eu a maioria dos meus colegas de sala moravam, nós íamos de casa para escola andando e aquela rotina era muito divertida.

Ainda guardo muitas memórias da minha passagem no “Liceu de Palmarejo”. Quando iniciei o ensino secundário tinha 12 anos e em plena puberdade e os conflitos que essa idade traz, comecei a encarar os estudos de um jeito completamente diferente do que eu encarava, o que é normal, visto que saí de um ensino onde todas as matérias eram ministradas por um só professor e no ensino secundário cada matéria tinha um docente diferente. Tinha

alguns educadores/as que me encantavam, não somente pelo conteúdo da matéria mas também pela forma como ministravam as aulas e posso citar dois que tenho como referência os professores Ricardinho Rocha e Adelino Sousa, que ministravam as disciplinas língua portuguesa e informática, respectivamente

Por se situar no mesmo bairro onde eu morava e a maioria dos meus colegas de sala também moravam no mesmo bairro, nós íamos de casa para escola andando e aquela rotina era muito divertida.

Ficava deslumbrada com os incentivos que esses professores nos davam, por exemplo, quando o professor Adelino nos falava que o mesmo, não nos ensinava somente para obter nota máxima nas provas, mas que queria nos preparar para situações reais que iríamos, com certeza, enfrentar fora das salas de aulas. Pelos incentivos e pela admiração pelo professor de informática, comecei a me interessar por essa área e pensava em fazer engenharia de informática. Por outro lado, também tive docentes que não deixaram boas recordações, docentes esses que só queriam cumprir o horário, ganhar o salário e demonstravam claramente a falta de amor pela profissão. Dessa forma é possível entender que

[...] nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em um certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. Conforme se coloque a relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, e conforme se caracterize ambos, certas práticas aparecerão como “normais” ou como “aberrantes”. (FERREIRO, 2010, p.38).

Concluí o ensino secundário em 2008 e chegou o momento da grande decisão, qual a profissão, ou seja, qual o curso que eu iria escolher. Até então, a docência nunca tinha passado pela minha cabeça, até por que não existiam professores/as na minha família, o que poderia servir como referência profissional. Tinha o fato da desvalorização dessa categoria o que desmotivava muitos/as estudantes a seguir uma Licenciatura.

Ensino Superior

A tradição do meu país, como de vários países do continente africano, especificamente os que fazem parte da Comunidade - CPLP é concluir o ensino secundário e tentar uma vaga ou bolsa de estudos no exterior. Para conseguir a desejada bolsa, os/as estudantes têm que tirar uma nota maior ou igual a 18 de um total de 20 valores, que equivale

a 8,00, no sistema de 0 a 10. E ainda assim passar por um processo longo e burocrático com uma concorrência grande e muitas vezes injusta devido a influência política que rodeia esse processo. Para quem conseguisse apenas a vaga, os estudos teriam que ser financiados pela própria família o que fazia muitos alunos desistirem pela falta de condições económicas. E, foi exatamente isso que me aconteceu, consegui apenas uma vaga, não pude viajar para realizar meu sonho e a solução que encontrei foi trabalhar e ajudar em casa, mas nunca deixei perder no tempo o meu sonho de cursar o ensino superior.

Em 2009 comecei, no meu próprio país, o curso de Engenharia e Sistema de Informática. Muito feliz e excitada com a minha matrícula, pois estava finalmente iniciando os meus estudos e realizando o meu sonho. Fiz dois anos de curso, mas infelizmente tive que abandonar mais uma vez meu sonho por falta de financiamento.

Em 2013, uma amiga que estava em Cabo Verde de férias, falou-me da Unilab e das condições que essa instituição proporcionava aos/as discentes africanos/as e novamente reacendeu a esperança de voltar a estudar. Assim, fui atrás do edital e com ele veio o grande choque, não tinha o curso de informática, mas a vontade de estudar era tão grande que acreditei que poderia aprender a gostar de outra área profissional. Frente a tal contexto é possível dizer que

Assim, o projeto profissional resulta de fatores extrínsecos e intrínsecos; ou seja, o jovem, tendo em vista suas circunstâncias de vida, leva em conta aspectos como renda, perspectiva de empregabilidade, taxa de retorno, *status* associado à carreira ou vocação, bem como identificação, autoconceito, interesses, habilidades, maturidade, valores, traços de personalidade e expectativas com relação ao futuro. No que diz respeito aos fatores que influenciam a motivação ou não para a carreira docente, é preciso considerar a complexidade dos aspectos que envolvem a docência enquanto opção de carreira. (ALMEIDA; TARTUCE; NUNES, 2014, p.105).

Cumpri o edital da UNILAB, e assim, entreguei todos os documentos e fiquei na expectativa. Posteriormente soube que tinha sido aprovada na prova e selecionada para cursar o Bacharelato Interdisciplinar em Humanidades – BHU, na Unilab, campus do Ceará.

Cheguei ao Brasil em 09 de janeiro de 2014, cheia de sonhos, objetivos e medos. Isso porque não tinha mínima noção de como era um curso na área de Ciências Humanas, uma área completamente diferente daquela que eu tinha interesse. Acreditei que poderia gostar e hoje tenho a certeza que tomei a decisão certa, pois aprendi muito sobre o meu continente, os meus antepassados e também foi de lá que veio o interesse pelo curso de Pedagogia.

O Curso de Bacharelado em Humanidades pretende, por um lado, dar uma formação ao futuro bacharel dentro de uma perspectiva multidisciplinar, que lhe permita desenvolver aptidões voltadas para a prática da pesquisa social em todas as suas possibilidades, bem como prepará-lo para o ingresso nas terminalidades específicas. Por outro lado, aspira formar um bacharel em Humanidades apto a lidar com as transformações ocorridas no campo da pesquisa, do conhecimento e das reflexões sobre as relações multilaterais entre África e Brasil no contexto atual. (PPC – BHU, 2016, p. 13).

Importante explicar que o BHU foi concebido com um primeiro ciclo de formação superior (02 anos), que permite aos/as estudantes/as posteriormente ingressarem em um 2º ciclo de formação complementar, e que, se configura, portanto, como uma segunda graduação, na área das Licenciaturas em Pedagogia, História ou Sociologia, e também no Bacharelado em Antropologia, como estabelece a Portaria nº 383 SESU/MEC.

Nesta conceptualização, o primeiro ciclo ou Bacharelado Interdisciplinar é o espaço de formação universitária onde um conjunto importante de competências, habilidades e atitudes, transversais às competências técnicas, aliada a uma formação geral com fortes bases conceituais, éticas e culturais assumiriam a centralidade nas preocupações acadêmicas dos programas. Por seu turno, o segundo ciclo de estudos, de caráter opcional, estará dedicado à formação profissional em áreas específicas do conhecimento. (BRASIL, MEC, 2010, p. 10)¹.

Hoje avalio que sair de Cabo Verde teve um impacto muito positivo sobre mim, pois me fez conhecer e repensar as minhas origens, aprender a valorizar a minha cultura e com isso veio às procuras e as descobertas que mudaram a minha visão em relação às minhas origens. Pude constatar o quão forte ainda é a influência dos padrões impostos pelos colonizadores e que existe um grande conflito de identidade no meu país, Cabo Verde. Através do meu curso Humanidades, das disciplinas, das palestras, dos documentários, comecei a conhecer a ter conhecimento de uma outra História do meu país, ou seja, “A História do povo Cabo verdiano” contada por outros/as autores/a que segundo muitos/as historiadores, é um povo que surgiu através do estupro do colonizador (Europeu) para o escravo (Africano).

¹ BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. Portaria nº 383, de 12 de abril de 2010, p. 3.

1 APRESENTANDO CABO VERDE

O local escolhido para elaborar esse projeto é Cabo Verde, não só por ser meu país de origem, mas também por ser um país onde esse tema pode ser muito abrangente.

O arquipélago é constituído por dez ilhas e 13 ilhéus que estão reunidos em dois grupos em relação ao vento dominante (Alísios) que sopra de Nordeste, o grupo de Sotavento que engloba as ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava e os ilhéus Luís Carneiro, Santa Maria, Grande e de Cima e o grupo de Barlavento que compreende as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e os restantes ilhéus.

O país possui uma área territorial de 4033 km² e um espaço marítimo de cerca de 700.000 km² (150 vezes maior que o espaço terrestre), sendo a ilha de Santiago a maior ilha com a extensão de 992 km² e a Santa Luzia a mais pequena com 34 km².



Figura 01 - Mapa do arquipélago de Cabo Verde²

² Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=localização+geografica+de+cabo+verde&source>

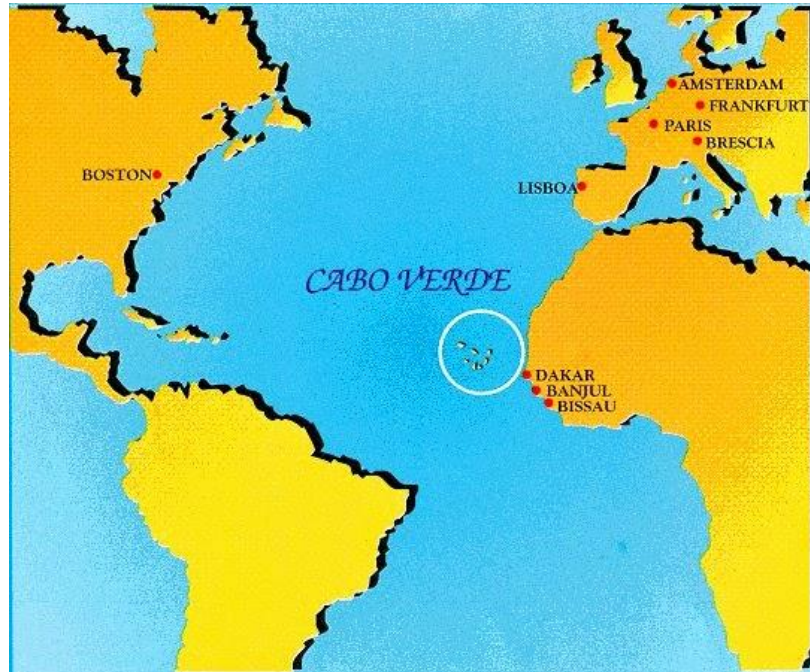


Figura 02 - Cabo Verde e a sua localização no mundo³

³ Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=localização+geografica+de+cabo+verde&source>

2 INTRODUÇÃO

Estudar e entender a questão da identidade não é uma tarefa fácil visto que engloba vários fatores, tais como políticos, sociais, económicos e culturais e, são esses fatores que tornam possível a aceitação e ou negação de uma identidade. É em torno dos conceitos de identidade que se pretende entender mais sobre a crise de identidade existente em Cabo Verde onde alguns acreditam que existe uma proximidade com o espaço europeu, e outros admitem que careceria de preservar uma maior inclusão na história africana.

Vale ressaltar que, não se pode discorrer sobre a identidade étnica cabo verdiana sem falar da colonização. As identidades étnicas encontraram um solo fértil em Cabo Verde colonial, e através de(a) análise de(os) processos indentitários em cabo verde e de uma análise comparativa entre ser africano (sociedade negra) ou ser europeu (sociedade branca), o presente projeto de pesquisa pretende responder onde é que os cabo verdianos se situam relativamente sobre o conceito da identidade do seu povo, visto que a cultura cabo verdiana resultou da união do povo africano e do povo europeu.

2.1 Justificativas para a escolha do tema

A partir da minha inserção junto ao BHU passei a refletir sobre a minha identidade como Cabo-verdiana(africana). Isso porque até então não sabia praticamente nada sobre a África antes da chegada dos colonizadores, isto porque a África que nos foi ensinada nas escolas, não é o que consta com a (na) realidade. Estudávamos nas escolas cujo o regime é português, num país onde a língua oficial é o português, e onde ser africano sempre foi um tabu, porque falar da África em Cabo Verde é falar sobre o passado, que foi um passado de escravidão, e esse sofrimento ainda existe no nosso subconsciente numa forma inconscientemente.

Conforme Athias (2007), a geração de conhecimento sobre “classe” ou “gênero” de naturezas conceituais aumentou a necessidade de ver a posição do sujeito, de gênero, do local institucional, do lugar geopolítico, da orientação sexual, realçando assim as questões relacionadas à identidade. No entanto, é preciso ter uma visão interdisciplinar da identidade étnica o que facilita o contínuo desenvolvimento da escrita da história em decorrência do seu movimento no tempo e no espaço. Estudar e entender a questão da identidade não é uma tarefa fácil visto que engloba vários fatores, são eles sociais, culturais, económicos, entre outros. E são esses fatores que tornam possível a aceitação e ou negação de uma identidade.

Vale ressaltar que, não se pode discorrer sobre a identidade étnica cabo verdiano sem falar da colonização. As identidades étnicas encontraram um solo fértil em Cabo Verde colonial. Segundo Kathryn Woodward (2007,25-25) as mudanças e as transformações globais nas estruturas políticas e económicas no mundo contemporâneo colocam as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas [...] A formação das identidades ocorrem também nos níveis locais e pessoais.

A obsessão em definir o “povo cabo-verdiano” como não sendo nem português nem africano é a problemática de uma elite familiarizada com os valores básicos da cultura europeia, mas colocada como cidadãos de segunda classe no império português. O primeiro par de contraste, Cabo Verde versus África, distingue a elite cabo-verdiana como dotada da capacidade de lidar com os códigos ocidentais. O segundo par de oposição, Cabo Verde versus Portugal, cria as condições para reivindicações regionalistas fundamentadas em projeto de inserção na administração colonial. (DOS ANJOS, 2004:281)

E foi por isso que decide falar sobre esse tema, apesar de saber que é um tema polêmico para os/as cabo verdianos/as, mas tem que ser falado, discutido aqui na Unilab primeiramente

e depois em Cabo Verde, porque em Cabo Verde, ainda existe várias pessoas que não sabem nem um terço da verdadeira história do nosso país

A questão sobre a identidade tem sido discutida e analisada por vários teóricos das ciências sociais e áreas afins, e assim, com esse trabalho pretende-se contribuir com esse debate trazendo a seguinte pergunta de pesquisa:

Quais os fatores que tornam possível a aceitação e ou negação de uma identidade

2.2 Objetivos

2.2.1 Geral

A pesquisa tem como objetivo geral distinguir qual foi o tamanho da importância que as culturas africanas e europeias tiveram na fixação da identidade cultural de Cabo Verde

2.2.2 Específicos

- Analisar os fatores que determinam as diferenças sociais cabo verdiana do ponto de vista identitário.
- Entender os processos de formação social que determinam a diferença de percepção Identitária entre o povo cabo verdiano.

2.3 Delimitação do objeto ou do fenômeno a ser investigado

Na visão de Ramos (2009), muito cedo os portugueses perceberam que diferente das outras colônias, como Angola, Guiné Bissau, entre outros que possuíam riquezas minerais, Cabo Verde no final do século XIX e início do século XX, contava apenas com um sistema precário de agricultura que fazia com que a economia cabo-verdiana não desenvolvesse. Com tempo, os colonizadores perceberam e começaram a valorizar as características daquele povo, que possuíam notáveis qualidades mentais e espirituais. Qualidades essas que fizeram com que o povo cabo verdiano não fosse incorporado nas condições de indígenas, como eram considerados os povos das outras colônias, mas sim eram considerados como cidadão portugueses.

Em Angola, Guiné, Moçambique e Santo Tomé e Príncipe só nos meados do séc. XIX foram lançadas as bases, ainda que rudimentares, de uma política educativa. Porém em Cabo Verde, as coisas não se processaram do mesmo modo, já que no arquipélago a disseminação da instrução acompanhou o processo de povoamento das ilhas, graças a iniciativa dos ministros da igreja que deram os primeiros passos para a instituição do ensino, através da evangelização, missionação e do ensino das primeiras letras. As referidas colônias não contaram com a mesma disponibilidade da igreja e do poder político colonial na difusão do ensino entre as populações nativas. Além da vontade política, outros fatores contribuíram para o distanciamento cultural e educativo entre Cabo Verde e as outras colônias. Entre esses fatores destacam-se: a estabilidade e a paz social do Arquipélago imune aos frequentes conflitos étnicos (na sociedade mestiça cabo-verdiana, os problemas étnicos foram banidos muito precocemente do psíquico do homem cabo-verdiano). (RAMOS, 2009:38)

Conforme Anjos (2003), os critérios para a definição de um indivíduo pelo grupo racial e da hierarquia única de valores que posiciona os brancos como seres privilegiados em relação aos negros, não deixa claro na colocação de que o processo de aristocratização do cabo-verdiano é, antes de mais nada, o resultado do cruzamento de raças que coloca o mestiço numa trajetória “ascensional” que vai do negro ao branco.

2.4 Estrutura do projeto

O projeto está dividido em partes.

Na primeira parte foi feita uma breve biografia sobre a autora, onde buscou -se de uma forma bem sucinta demonstrar a trajetória acadêmica da própria e como nasceu a vontade de seguir à docência.

Na parte 2 iniciou-se a introdução, apresentando uma visão geral sobre o assunto estudado. Também foram expostos os objetivos do projeto de pesquisa, a justificativa da escolha do tema para a realização do trabalho e a delimitação do objeto investigado.

A revisão bibliográfica que alicerça o trabalho foi desenvolvida no capítulo 3. Durante esse capítulo objetivou-se aprofundar e explorar ao máximo o tema apresentado, por meio da pesquisa na literatura.

Na parte 4 descreveu-se o método utilizado para a realização da pesquisa, bem como o processo de coleta de dados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 IDENTIDADE

Conceituar a identidade cultural não é uma tarefa fácil e tem sido muito discutido ao longo do tempo e, portanto, comporta diferentes versões de natureza psicológica, filosófica, antropológica ou sociológica. Para o antropólogo social Castells (1999), a identidade pode ser interpretada como a fonte de significado e experiência de um povo.

Segundo Foucault (1978), a identidade é socialmente construída. Ela não é formada por parâmetros meramente biológicos ou geográficos, não é “natural”, nem inerente ao indivíduo, ela o antecede e como a própria cultura se transforma, a identidade cultural de um indivíduo não é estática e permanente, mas é espontânea, móvel.

A identidade mostra-se como uma elaboração onde constantemente tem a presença de um sentimento de estabilidade e ao mesmo tempo uma continuação de um determinado grupo num sociocultural conhecido. Também pode –se dizer que é uma elaboração complicada, já que no conceito da identidade inclui na sua essência a existência de alterações e que sempre causa divergências, (RAMOS, 2009). Neste sentido, o autor Castells (2008) sugere uma classificação de três tipos de identidade: a legitimadora, a de resistência e a de projeto.

A identidade inserida na sociedade através das instituições dominantes com a finalidade de ampliar e racionalizar a sua dominação em relação aos atores sociais é denominada de identidade legitimadora. A de resistência é a criada por atores que se encontram em posições de desvantagens e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, erguendo, assim, barreiras de resistência e proteção com base em princípios desiguais dos que permeiam as instituições dominantes da sociedade. E por último, a identidade de projeto que está relacionada aos atores sociais que, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade para, assim procedendo, buscar a transformação de toda a estrutura social. Vale ressaltar, para cada tipo de método de construção de identidade induz a um resultado distinto no que se refere à constituição da sociedade. A identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados. A entidade vinculada à resistência, leva à formação de comunas ou comunidades.

A socióloga Kathryn Woodward (1997) afirma que não se pode falar na identidade sem falar num aspecto extremamente importante, a linguagem. As identidades são expressadas pela linguagem e sistemas simbólicos que as representam. Deste modo, sendo o nosso contato com o passado mediado pela linguagem, e sendo as representações também por ela constituída, é por meio do que os frades disseram de si, a forma como eles se representavam – e como eram também representados por outros – que dão a ver o processo de construção de sua identidade.

3.2 A IDENTIDADE DO/A CABO-VERDIANA

Falar da identidade cabo-verdiana, exige inicialmente que se compreenda Cabo Verde parte do sistema atlântico da política ultramarina portuguesa, composto pelos africanos usados como instrumentos de trabalho. Ou seja, implica conhecer as condições históricas por meio das quais se formou o processo de contestação do colonialismo, que segundo Hernandez (2002), teve seu início a partir da década de 1460 com a descoberta das ilhas pelos portugueses. Devido à sua geografia, tornou-se um ponto nodal da navegação do Atlântico, como pode ser visto na figura abaixo, servindo para que Portugal possa dar continuidade aos descobrimentos mais a sul e também assegurar o comércio na costa africana. Com isso, por volta de 1462, as ilhas tiveram seu início, embora lento e difícil, do povoamento com o efetivo processo de ocupação portuguesa.

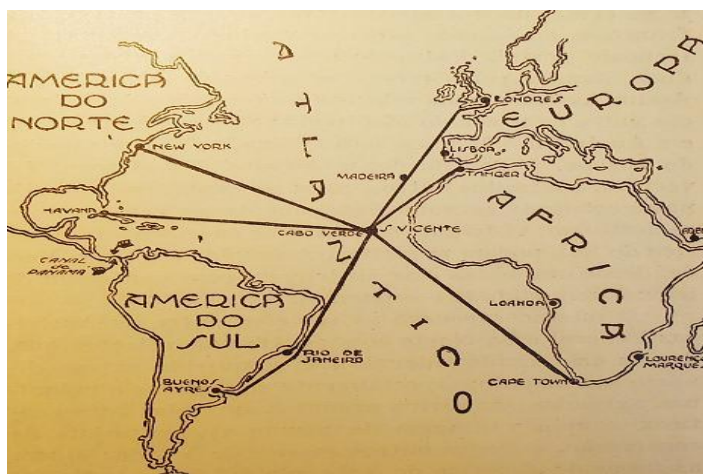


Figura 3 – Cabo Verde como ponto nodal da navegação do Atlântico⁴

⁴ Fonte: http://www.momentosdehistoria.com/MH_02_07_Marinha.htm

Para que pudessem instalar e cultivarem as terras, os “homens brancos”, postularam a ampla autonomia e liberdade para adquirir negros da costa e dos rios da Guiné, sendo alguns deles comercializados para outros países, constituindo o tráfico de escravos como principal atividade econômica das ilhas.

O processo de povoamento das ilhas foi difícil e lento e por muito tempo houve um número muito restrito de grupo de senhores que possuíam grandes propriedades de terras, tinham o controle da navegação, indústria artesanal e comércio. De acordo com Varela (2008), Cabo Verde nessa época caracterizou-se como um espaço que incorporava não só hábitos e costumes eurocêntricos, implantados pela Europa, como também elementos africanos que vinham essencialmente pelos Rios da Guiné, dando assim o início ao processo de criolização e configurando no que se pode ser denominado de tradições afro-europeias ou euro-africanas

Conforme Seibert (2014), a criolização, comumente tratada como mestiçagem cultural na literatura portuguesa, é termo derivado da linguística. Nas ciências sociais, essa definição ainda é muito abstrata, tendo em conta que processos de mistura cultural diferentes em contextos histórico distintos foram considerados casos de crioulização. Contudo, Knorr (2008) definiu a crioulização como um processo em que indivíduos etnicamente distintos se tornam indigenizados e desenvolvem uma nova identidade coletiva carregando referência étnica, ou seja, durante o processo, identidades étnicas anteriores desapareceram e foram substituídas por uma nova e única identidade étnica, onde pode-se constatar que a matriz e as estruturas das culturas e das sociedades crioulas são europeias e que os africanos algumas marcas importantes nos seus conteúdos.

Vindos os escravos africanos de várias regiões e etnias diferentes, conseqüentemente possuíam uma bagagem cultural diversa, diferentemente dos brancos, na sua maioria portugueses, com sua cultura relativamente homogênea. No entanto, essa bagagem cultural foi se reduzindo aos poucos devido ao monopólio do poder político que inibia os africanos de desenvolver e estabelecer as suas próprias instituições e a sua legislação fora dos critérios pregados pelos portugueses. Como resultado dessa opressão, os hábitos dos africanos não puderam prosperar no novo ambiente, foram evangelizados pela igreja católica e tiveram os seus nomes modificados por nomes portugueses, afastando assim os escravos cada vez mais das suas culturas de origem. Seibert (2014), afirma que a música foi o único campo em que as tradições tanto europeias como africanas sobreviveram e influenciaram mutuamente, uma vez

que os cantos, a música e a dança dos escravos eram permitidos ou tolerados em várias circunstâncias.

[...] a identidade nacional e cultural cabo-verdiana se assenta menos em cada um dos elementos referidos (hibridização, insularidade e ruralismo tropical) e mais na frontalidade das relações culturais étnicas, permitindo o surgimento de uma cultura não nova, mas resultante dos vetores vários que confluíram ao arquipélago, preservando-se não como sobrevivências, mas como reelaborações de traços culturais originários de grupos étnicos que outrora aportaram às ilhas. (Almada, 2006:73 Apud Furtado, 2012:164)

4 MÉTODO DE PESQUISA

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa é a atividade nuclear da Ciência. Ela permite chegar mais perto e ter a noção aprofundada da realidade a investigar. Vale ressaltar que a pesquisa é um processo permanentemente inacabado, ou seja, fica sempre em aberto para que novas pesquisas e descobertas sejam realizadas.

A caracterização do estudo como pesquisa exploratória habitualmente acontece quando há pouco conhecimento sobre o assunto abordado, buscando assim conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torna-lo mais sucinto ou estabelecer questões importantes para a condução da pesquisa. Nesse contexto, Andrade (2004) diz que, por meio da pesquisa exploratória, avalia-se a possibilidade de desenvolver um bom trabalho, estabelecendo-se os critérios a serem adotados, os métodos e as técnicas adequados. Uma característica relevante da pesquisa exploratória consiste no aprofundamento de conceitos preliminares sobre determinada temática que não foi abordada satisfatoriamente nos trabalhos anteriores, contribuindo para o esclarecimento de questões contempladas de formas superficial sobre o assunto. Assim sendo, focando nos objetivos, o presente trabalho pode ser considerado como sendo exploratório visto que, busca-se a familiarização com um assunto ainda pouco conhecido e explorado.

Os procedimentos na pesquisa referem-se à forma como se faz a condução do estudo e, portanto, se obtêm os dados. Gil (1999), relata que o procedimento adotado para a coleta de dados é o elemento mais importante para a identificação de um delineamento. O mesmo autor explica que pesquisa bibliográfica é desenvolvida apenas mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica segundo Gil (1999) é facilitação do investigador a obter uma gama de fenômenos mais ampla do que seria possível ao pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente relevante quando o problema estudado demanda dados muito dispersos no espaço. Vale ressaltar que, a pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos, onde em muitas situações só é possível conhecer os fatos passados através de dados bibliográficos. No entanto, deve-se ter especial atenção com as fontes da pesquisa para não comprometer a qualidade da pesquisa. Para reduzir essa possibilidade, é conveniente que o pesquisador se assegure das condições em que os dados foram coletados, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências. Nesse trabalho optou-se pela revisão bibliográfica, pois a pesquisa baseou-se no estudo de materiais publicados constituído principalmente por livros, revistas, publicações e periódicos, e artigos científicos,

dissertações, teses e internet. A revisão bibliográfica foi realizada objetivando a familiarização com os estudos já realizados nesse assunto. No entanto, a preocupação com a verificação da veracidade dos dados encontrados principalmente na internet, teve sempre presente durante toda a pesquisa.

Quanto a abordagem, para essa pesquisa será qualitativa. Conforme Gerhardt e Silveira (2009), o pesquisador ao adotar a pesquisa qualitativa deve estar atento para alguns limites e riscos da pesquisa, tais como: a alta confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; deficiência de pormenores sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. A de. TARTUCE, Gisele L. B. P.; NUNES, Marina M. R. **Quais as razões para a baixa atratividade da docência por alunos do ensino médio?** Revista Psicologia: Ensino & Formação, 2014, 5(2):103-121. Disponível em: file:///C:/Users/Ibyte/Documents/LATTES%20IMPRESS%C3%83O/UNILAB%202/TEXT0%201.pdf. Acesso em; 14 abr 2017.
- ALVES FURTADO, C. **Cabo Verde: dilemas étnico-identitários num território fluido.** Ciências Sociais Unisinos. 2013
- ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- ANJOS GOMES, C. J. Elites **Intelectuais e a Conformação da Identidade Nacional em Cabo Verde.** *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, no 3, 2003, pp. 579-596
- ATHIAS, R. **A noção da identidade étnica na Antropologia brasileira:** de Roquete Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- BRASIL, MEC, UNILAB. **Projeto Pedagógico do Bacharela Interdisciplinar em Humanidades - PPC.** Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2011/11/Projeto-Pedag%C3%B3gico-Curricular-do-Curso-de-Bacharelado-em-Humanidades-Campi-Liberdade-e-Palmares.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Publicado originalmente em 1942.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização.** São Paulo: Editora Cortez, 25ª edição, 2010.
- FOUCAULT, M. **História da Loucura.** São Paulo: Perspectiva, 1978. Disponivem em : <http://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/HISTORIA%20DA%20LOUCURA.pdf>. Acesso em 10 de maio 2017.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Método de Pesquisa, Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS – Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o desenvolvimento Rural da SEAS/UFRGS,** Porto Alegre, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo, Editora Atlas, 1999.
- HOPFFER ALMADA, D. **Pela cultura e pela identidade.** Em defesa da cabo-verdianidade, Praia: ICNL, 2006. p. 73.

KNOOR, J. **Towards Conceptualizing Creolization and Creoleness**. Working Paper No. 100. Halle/Saale: Max Planck Institute for Social Anthropology, 2008.

SEIBERT, G. **Criolização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Divergências históricas e identitárias**. Afro- Ásia, 2014.

VARELA, O. **Manifesto ‘Lusofóbico’: Crítica da Identidade Cultural ‘Lusófona’ em Cabo Verde, im Mestiçagens Socioculturais e Procura de Identidade na àfrica Contemporânea: o caso dos Países Africanos Lusófonos**. CODESRIA – UNICV, Praia, 2008

WOODWARD, Katherine. **Concepts of Identity and Difference**. In: _____ (ed.) Identity and Difference. London: Routledge, 1997

<https://antoniocv.wordpress.com/tag/localizacao-geografica-cabo-verde/>: Acessado, 20 de julho de 2017.